

Fim do Silêncio *Thereza Jessouroun*

DOI: 10.3395/reciis.v3i2.266pt

Carlos Alberto Mattos

Crítico de cinema e do Jornal O Globo, mantém o DOCBLOG no Globo Online, Rio de Janeiro, Brasil
Carmattos@terra.com.br

Este documentário poderia se chamar também “O Fim da Hipocrisia”, ou “O Fim da Culpa”, ou ainda “O Fim do Sensacionalismo”. Porque ele se opõe a toda uma gama de tratamentos que o tema do aborto tem recebido no cinema. Usualmente, o assunto se presta a melodramas ou a documentários que, sob a capa da denúncia, reforçam o estigma do “proibido” e do “clandestino”. Algumas vezes, a necessidade de proteger a identidade de suas protagonistas dá margem a recursos artificiosos que só enfatizam o medo e, em última instância, o espectro da criminalização.

Ao contrário disso tudo, Thereza Jessouroun optou pela simplicidade de uma câmera atenta diante de rostos descobertos e consciências apaziguadas. As mulheres que concordaram em expor suas razões para terem interrompido a gravidez se aliam à coragem da realizadora para falar com franqueza de um tabu que ainda impera em grande parte da sociedade brasileira.

O *Fim do Silêncio* não é um panfleto a favor da descriminalização do aborto, mas um libelo tranquilo contra o fundamentalismo que teima em se opor à natureza e à ciência. Os relatos e argumentações dessas mulheres, colhidos nos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, são pontuados por pílulas de informação sobre saúde pública e impasses legislativos. Nada mais que isso. Palavras faladas ou escritas que descortinam um quadro assustador de desrespeito e violência contra a individualidade feminina.

A evolução do projeto de Thereza é um exemplo eloquente da dinâmica de produção dos documentários. Ela pretendia, inicialmente, tecer uma trama de opini-



Fim do silêncio. Roteiro, produção e direção: Thereza Jessouroun. [Rio de Janeiro : Fiocruz Vídeo], 2008. DVD (52 min.)

ões que dessem conta do debate em torno do assunto, envolvendo praticantes do aborto, cientistas e políticos. Na montagem, porém, verificou que esse formato enfraquecia o filme. Tal era a força dos depoimentos das mulheres que ela optou por ficar exclusivamente com eles. E é justamente a agudez e a inteireza dessas falas que dão ao filme o seu caráter irrefutável, a sua eficácia cabal.

A discussão, portanto, fica no extra-quadro, a partir das questões colocadas pelas protagonistas. Ali a opção pela não-gestação se justifica por razões afetivas, econômicas, de poder familiar ou simplesmente de estilo de vida. Assim, o filme cumpre sua função de provocar o debate sobre a escolha da mulher do que fazer com seu corpo e com sua responsabilidade social. Não há apologia do aborto, mas tão-somente a defesa do direito de escolher, para além de dogmas religiosos e convicções obscurantistas.

Em suas primeiras exibições – e mesmo antes delas –, *O Fim do Silêncio* já demonstrou sua capacidade de

mobilização, contra e a favor. O fato de ter sido viabilizado por um edital público gerou protestos entre os que veem o estado como um ente amorfo que deve se manter à margem das grandes indagações da sociedade. Felizmente, não é esse o país em que vivemos hoje. O entendimento do aborto como uma questão de saúde pública é um progresso que independe de paixões e doutrinas. Este documentário, embora nascido de um desejo autoral, acaba sendo um dos produtos mais visíveis dessa nova concepção.

Para Thereza Jessouroun, é uma confirmação de talento, sensibilidade e adequação entre ideias e formulação audiovisual. Em alguns de seus trabalhos, a realizadora já abordou o mundo dos travestis (*Alma de Mulher*), dos famintos (*Vida Severina*, ainda inédito), dos descendentes de quilombolas (*Os Arturos*) e dos portadores de Alzheimer (*Clarita*). Com *O Fim do Silêncio* ela dá um passo à frente – e também à frente de uma polêmica que precisa ser vivida dessa maneira: aberta, direta e com todas as palavras. 